

A ARTE DE APROVEITAR-SE DAS PRÓPRIAS FALTAS

SEGUNDO S. FRANCISCO DE SALES



PADRE JOSÉ TISSOT

Pe. José Tissot

Missionário de S. Francisco de Sales

A Arte de Aproveitar-se das Próprias Faltas

Segundo S. Francisco de Sales

“Misericordias domini
in aeternum cantabo” (Sl 88)

Título Original: *L'art d'utiliser ses fautes: d'après saint François de Sales*

Ilustração Capa: *O Retorno do Filho Pródigo* de Bartolomé Esteban Murillo

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

PARTE I - CONHECIMENTO DAS PRÓPRIAS FALTAS

Capítulo I - Não nos admiremos das nossas imperfeições

Capítulo II - Não nos perturbemos à vista dos nossos defeitos

Capítulo III - Não desanimemos por causa dos nossos pecados

PARTE II - APROVEITAMENTO DAS PRÓPRIAS FALTAS

Capítulo I - Utilizemo-nos das nossas faltas para nos humilhar conhecendo a nossa abjeção

Capítulo II - Sirvam as nossas faltas para amarmos a nossa abjeção

Capítulo III - Utilizemo-nos de nossas faltas para crescer na confiança em Deus

Capítulo IV - Continuação do capítulo precedente

Capítulo V - Sirvam as nossas faltas para nos afirmar na perseverança

Capítulo VI - Sirvam as nossas faltas para nos tornarmos mais fervorosos

Capítulo VII - Utilizar as próprias faltas à custa da reparação a que obrigam

Capítulo VIII - Utilizar-se das próprias faltas para um redobramento de devoção à Santíssima Virgem Maria

INTRODUÇÃO

No pátio de uma fábrica de explosivos, na Europa, ergue-se um monumento de belíssima alegoria. Uma mulher, empunhando um facho de luz, símbolo da inteligência, subjuga a seus pés um dragão enfurecido. Entre os espasmos da morte, o dragão escarva na terra os dizeres: “Vitória do espírito humano sobre as forças da natureza”. Elas, que tantas vezes hostilizam o homem, são dominadas pela acuidade do nosso espírito e tornam-se valiosos fatores das audaciosas invenções humanas.

O mesmo se dá com a nossa vida interior. Nossas próprias paixões, as energias ético-dinâmicas do homem, quando revoltas, devastam e aniquilam o jardim de nossa alma, mas quando contidas por mão forte e prudente, arrebatam nosso espírito às alturas da perfeição moral.

“Sabemos que todas as coisas redundam em bem aos que amam a Deus” (Rom 2, 28). Frase esta de S. Paulo Apóstolo ainda confirmada pelas palavras de Nosso Senhor à sua serva Benigna Consolata: “Tudo contribui para o progresso de uma alma; tudo, até mesmo as próprias imperfeições, em minhas mãos, são como outras tantas pedras preciosas, porque as transformo em atos de humildade que inspiro à alma... Se pudessem os obreiros converter o entulho e os retalhos em materiais, quão felizes seriam! Pode-o a alma fiel ao meu auxílio divino; até os crimes mais vergonhosos, uma vez sinceramente detestados, se tornam pedras fundamentais no edifício de sua perfeição”.

E ainda esta belíssima comparação: “Como o fogo se alimenta do combustível, assim as misérias dos homens fazem levantar-se grandemente as chamas do meu amor misericordioso, e quanto maior a miséria, tanto mais alta a chama, à semelhança do fogo que tanto mais arde, quanto mais combustível nele se atira...”.

Conduzidos pela mão segura de S. Francisco de Sales, aprenderemos a converter em proveito espiritual os nossos próprios desacertos, proveito esse que não nos advém dos pecados considerados em si, mas, sim, da misericórdia divina e da graça de Cristo que, servindo-se das nossas

iniquidades, sabe fazer refulgir a sua bondade e das nossas fraquezas tirar vantagens para a nosso salvação.

Entre as flores que matizam em toda a abundância o jardim deste grande e amabilíssimo diretor das almas, não pôde o autor do presente livrinho fazer escolha mais apropriada às necessidades quotidianas de todos quantos querem sinceramente amor e servir a Deus.

Houvemos por bem fazer uma adaptação bastante livre, já para eliminar algumas citações idênticas repetidas no decurso do livro, já puro desenvolver e frisar aqui e ali, à mão de alguns autores modernos, a sua ideia fundamental.

O TRADUTOR

PARTE I

**CONHECIMENTO DAS PRÓPRIAS
FALTAS**

Capítulo I - Não nos admiremos das nossas imperfeições

1. *Misérias humanas.* — Nunca o homem decaído se pode habituar à sua miséria; e isso, que sobremodo o honra, constitui, ao mesmo tempo, o seu tormento. Príncipe esbulhado do seu poder e derrubado da sua posição pela queda dos seus primeiros pais, conserva, todavia, no mais fundo do coração, o sentimento da sua nobreza de origem e da inocência que devia ser o seu apanágio. De cada vez que cai reprime a custo uma exclamação de surpresa como se lhe houvesse sobrevindo um acidente extraordinário.

Dir-se-ia, Sansão, privado da sua força pela mão pérfida que lhe cortara os cabelos. “Surge! — bradam-lhe — os filisteus estão aí!” E ele se ergue, imaginando, como dantes, encher de terror os seus inimigos, sem se lembrar que o vigor doutrora o havia abandonado (Juiz 16, 20).

Por mais nobres que sejam em nós as raízes desta disposição, são funestos demais os seus frutos para não os detestarmos. O desanimo leva as almas à perdição, vê-lo-emos em breve; e esse desanimo as invade pelo espanto que se segue à queda e lhe abre caminho. Contra este grande perigo S. Francisco de Sales vai acautelá-los.

A exemplo dos mais eminentes doutores e dos sábios mais ilustres, o santo bispo manifestou sempre extrema compaixão pela fraqueza do homem. “Ó miséria humana! miséria humana! — dizia ele a cada passo — Oh, quão frágeis somos!... Que podemos fazer por nós mesmos senão cair continuamente em faltas?”

Sente-se, em todas as suas palavras e escritos, que a alta perfeição a que se havia elevado lhe dera a faculdade de imergir um olhar profundo no abismo de misérias e fraquezas, cavado em nós pelo pecado original. Na direção das almas computava sempre, e em mui larga medida, a nossa condição de filhos do pecado, que não cessava de recordar às suas ovelhas. “Viveis — escrevia ele a uma senhora — viveis, dizei-me vós, sujeita a mil imperfeições. É verdade, minha boa irmã; mas não vos esforçais de hora em hora por fazê-las morrer em vós? Certíssimo é que, enquanto andamos neste

mundo, envolvidos neste corpo tão pesado e corruptível, sempre em nós alguma coisa, um não sei quê nos falta”.

“Queixai-vos — dizia ele algures — de em vossa vida terdes muitas imperfeições e defeitos, a despeito do vosso desejo da perfeição e da pureza do amor de nosso Deus. Eu vos respondo que não podemos abandonar de todo a nós mesmos, enquanto caí vivemos. Temos de nos suportar sempre a nós próprios, até que Deus nos leve ao Céu; e enquanto assim fazemos, não cuidemos que transportamos coisa que valha...”

“Em regra geral, ninguém será tão santo nesta vida que não esteja sujeito a não cometer alguma imperfeição”.

2. *Nossa fragilidade.* — Sem um privilégio especial, impossível nos é evitar todos os pecados veniais. Com efeito ensina-nos a fé que ao menos em germe ficam em nós até a morte as más inclinações, e que ninguém pode, sem privilégio especial, tal como a Igreja o reconhece na Virgem Maria, evitar todos os pecados veniais, pelo menos os que não são deliberados. Esquecemos muitas vezes na pratica esta dupla tese; vejamo-la desenvolvida pelo nosso Santo na sua linguagem simples e inimitável:

“Não pensemos em viver neste mundo sem imperfeições... Quer sejamos superiores, quer subordinados, somos sempre homens e, por conseguinte, todos temos de aceitar como certíssima esta verdade para não nos admirarmos das nossas imperfeições. Mandou-nos Nosso Senhor que disséssemos todos os dias estas palavras, que são do Pai Nosso: 'perdoai-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores'. Não há exceção alguma neste mandamento, porque todos temos necessidade de o cumprir.”

“O amor-próprio poderá estar em nós mortificado; morto, porém, nunca estará; de tempos a tempos, em ocasiões diferentes, há de lançar renovos, mostrando que, se foi cortado pelo pé, não lhe foram arrancadas as raízes... Por forma alguma não nos devemos admirar por não sentir o amor-próprio dar sinais de vida. Dorme às vezes como uma raposa; depois, dum salto, se atira sobre as galinhas. É, pois, mister velarmos constantemente sobre ele, e defendermo-nos com paciência e mansidão. Se às vezes desdizemos o que o amor-próprio nos fez dizer, ou desfazemos o que nos induziu a fazermos,

sinal é de que estamos curados... mas por algum tempo somente, até que venham à supuração novas enfermidades, porque nunca estaremos perfeitamente curados senão quando estivermos no Paraíso... e nesta vida, por muito boa que seja a nossa vontade, não há remédio senão ter paciência de sermos homens, e não anjos” e nos resolvermos a viver, no dizer dum ilustre asceta, como uns incuráveis de espírito.

3. *Misterioso recinto da alma humana.* — A nossa alma é como que um misterioso recinto fechado, comparável, não raras vezes, a uma sala às escuras, cheia de pó e de desordem. Pessoas há, infelizmente, dignas de lástima por sua cegueira, que anos inteiros não iluminam nem expurgam o interior da sua casa espiritual, sob pretexto de que nada há que limpar.

Será possível que uma sala com quatro janelas sempre escancaradas, e uma porta muito veleira por onde passam diariamente centenas e centenas de hóspedes — será possível que se conserve livre de qualquer poeira e lodo?

Esta sala é a nossa alma, é a alma de todo homem que trilhar as estradas barrentas deste mundo. Quatro janelas tem este recinto: duas na frente, que são os olhos, e duas aos lados, os ouvidos; além disso, uma porta que é a boca. Pelas janelas dos olhos e ouvidos entram todos os dias centenas, às vezes milhares de fregueses, quer dizer: impressões variadíssimas, que dão origem a fantasias, pensamentos e desejos de toda sorte, ao passo que pela boca saem numerosas palavras e conversas. Além disso, todo o nosso corpo, dos pés à cabeça, é como que uma rede telegráfica indizivelmente ramificada, e em contacto permanente com o mundo exterior: desde a manhã até a noite, não cessam os nervos de transmitir impressões as mais variadas — e tudo isso se introduz nos penetrais da alma; e lá dentro é um incessante vaivém, um movimento tumultuoso, um continuo entrar e sair de hóspedes e visitantes, de ideias sem conta, desde que abrimos os olhos para os labores do dia, até que os fechamos para o descanso noturno.

Será possível que uma casa, assim tão frequentada como a nossa alma, se conserve inteiramente limpa? Sem que se lhe apeguem ao menos uns resquícios de pó? Uns grãosinhos de areia arrastados pelos que entram? E levando ainda em conta a nossa pouca vigilância?

Isso num único dia...

4. *E os Santos?* — Lemos nas vidas dos Santos que eles se consideravam como grandes pecadores. Alguns não acabavam de compreender como Deus os deixava viver neste mundo; como lhes concedia a luz do sol e os bens da terra. Entre eles alguns havia que costumavam firmar as suas cartas com a assinatura: “Fulano, o pecador”. S. João Batista, intimado a batizar a Jesus, disse que nem era digno de lhe desatar as correias dos sapatos. Por outro lado, há tantos homens mundanos que se julgam isentos de toda culpa e imperfeição moral.

Donde esta diferença? Será que os Santos eram de fato tão grandes pecadores, e que certas outras pessoas se dizem prodígios de virtude e santidade?

Reparemos o que acontece quando uma réstia de sal penetra num quarto escuro, formando uma faixa luminosa no ar. É interessante observar como neste traço de luz volita uma infinidade de átomos de pó, subindo, descendo, girando, redemoinhando, enovelando-se de mil maneiras com o discreto perpassar das aragens. Apaga-se o raio solar — e tudo desapareceu! Já não se vê nem um só destes granulos de poeira. Aonde foram? Não existem mais? Certo que sim; ainda se acham suspensos no ambiente como antes; mas, com a extinção da luz, tornaram-se invisíveis.

É fácil atinar com o sentido da comparação.

Este último estado corresponde ao da alma que se julga isenta de faltas, quando de fato as faltas aí estão, embora invisíveis, devido à ausência de luzes celestes, à falta de conhecimento próprio. O pecador não gosta de olhar para o interior da sua consciência, com medo de encontrar o que possa melindrar o seu amor-próprio e a vã complacência das supostas virtudes.

A alma do Santo, ao invés disso, é como um templo arraiado de luz, iluminado pelo facho da atenta reflexão sobre si mesma, e pelos raios vindos de cima. Não que ele tenha mais pecados do que o mundano. A diferença está em que tem luz mais abundante e o olhar mais afeito a descobrir os argueiros das imperfeições de cada dia, ao passo que o profano nem daí pelas trancas de faltas gravíssimas.

Não é, pois, nada estranhável o estarmos cheios de defeitos, desde que os tinham também os próprios Santos. No entanto, neles se observava uma

nota característica e essencial; muito embora enxergassem em suas almas inundadas de luz celestial os numerosos e até os menores resquícios de pó, eles não se admiravam e não desanimavam. À força dum trabalho contínuo, sereno, permanente procuravam limpar-se de todas as manchas e ainda dos grãozinhos miúdos de areia e de pó. Pediam a Deus constantemente lhes desvendasse os próprios defeitos para se emendarem e se humilharem. E de fato, ao dar-nos Deus a conhecer as nossas faltas já significa uma graça bem importante. E Deus no-la daí não a fim de nos exacerbarmos e amofinarmos, mas para que reconheçamos humildemente a nossa extrema fraqueza, a nossa misera condição e, dominados de uma grande e imperturbável confiança e calma, trabalhemos em nosso constante aperfeiçoamento, tarefa para muitos anos.

5. Os progressos lentos e interceptados de quedas. — Sobretudo as almas, que principiam a dar os primeiros passos no caminho do aperfeiçoamento interior, S. Francisco de Sales se esforça por inculcar o conhecimento prático da fraqueza humana. São estas, com efeito, que, cometidas as faltas, a inexperiência torna mais acessíveis ao espanto e às suas funestas consequências. “Perturbar-se e desalentar-se ao cair em pecado — diz muito bem o piedoso autor acima mencionado — não é saber conhecer-se”.

Vejamos a delicadeza e a graça com que o nosso santo doutor repreende e instruí estas almas:

“Dizei-me que sois ainda muito sensível às injúrias que vos fazem. Mas, minha querida filha, a que se refere este ainda? Já a muitos destes inimigos vencestes e prostrastes? É impossível que tão cedo sejais senhora de vossa alma e a governeis dum modo tão absoluto. Contentai-vos ganhando de tempos a tempos alguma pequena superioridade sobre o vosso inimigo. A imperfeição há de acompanhar-nos até a sepultura. Não podemos andar sem tocar na terra. O que não devemos fazer é deitar-nos nela e retouçar-nos na lama; mas nem pensemos em voar, porquanto, pintainhos que somos e tão pequenos, ainda não temos asas”.

Foi S. Paulo purificado num só instante, como o foram também S. Madalena, S. Catarina de Gênova, S. Pelágia e outros mais. Mas uma transformação tão repentina é, na ordem da graça, milagre tão grande e extraordinário como é, na ordem da natureza, a ressurreição dum morto; a

tanto não devemos pretender. A purificação ordinária, tanto do corpo como do espírito, só se faz pouco a pouco, a custo e com vagar... A alma, que do pecado remonta a vida devota, se assemelha a alva do dia que, ao despontar, não expulsa as trevas dum jato, mas aos poucos, gradativamente. Diz o aforismo que a cura, feita devagar, sempre é mais segura. As doenças do coração, tanto como as do corpo, vêm a galope e em corrida de postilhão, mas vão-se a pé e a passo lento.

É, pois, preciso ter paciência e não pensar em curar num só dia tantos hábitos maus, que contraímos pelo pouco cuidado com a nossa saúde espiritual. E o bom Santo concluía sempre que, “se a nossa fraqueza natural nos faz incorrer em muitas faltas, de modo algum nos elevemos admirar disso”.

De mais a mais, S. Francisco de Sales não concedia a ninguém, por mais adiantado que estivesse nas virtudes, o direito de se admirar de haver caído em pecado, dirigindo as mais fervorosas religiosas estes avisos: “A duas coisas é necessário que estejamos resolvidos: uma, a ver crescer ervas daninhas em nosso jardim; outra, ter coragem de deixar arrancá-las e de nós mesmos as arrancarmos; porque o nosso amor-próprio não há de morrer enquanto vivemos e é ele o autor destas importunas vegetações”.

“Revejo as lágrimas de minha pobre irmã N. e parece-me que a origem de todas as nossas mágoas está em nos esquecermos daquela máxima dos Santos, segundo a qual todos os dias devemos julgar que principiamos a nossa aprendizagem na perfeição. Se pensássemos bem nisto, não nos sentiríamos admirados de descobrir misérias em nós nem de ter de recear algum defeito”.

“Perguntais... como poderíeis prender o vosso espírito a Deus, de tal modo que nada o pudesse soltar nem separar. Duas coisas para isso são necessárias: morrer e salvar-se; porque só depois disto não haverá mais separação e o vosso espírito poderá ficar indissolúvelmente apegado e unido a Deus”

6. *Recomeçemos!* — Bem diz S. Francisco de Sales que “a origem de todas as nossas mágoas está em nos esquecermos daquela máxima dos Santos, segundo a qual todos os dias devemos julgar que principiamos a nossa

aprendizagem na perfeição”. Efetivamente, a perfeição em grande parte é uma questão de recomeçar. Definição sumária e ao mesmo tempo relativa. É lógico: recomeçar cada dia, humildemente, sem despeito, com confiança e ardor; recomeçar a tarefa tão interessante e tão ingrata, às vezes, do próprio aperfeiçoamento, tudo isto exige uma não pequena medida de boa vontade. Como, porém, no céu triste de um inverno que acabou, Deus faz surgir o sol radioso para recomeçar a florida estação da primavera, assim em nossa alma surge também o sol da graça, se nos voltamos para Deus. S. Francisco de Assis, às vésperas da morte, ele, o êmulo dos serafins, dizia ao seu irmãozinho Frei Leão: “Meu irmãozinho, quando, pois, amaremos verdadeiramente ao bom Deus?... Vamos!... comecemos a fazer alguma coisa para Ele!”

Recomecemos, pois, cada dia, nossa vida de fé, de luta, de confiança, de paciência, de devotamento, de amor divino... Recomecemos corajosa e confiantemente, pois que o recomeçar nos levará à perfeição!

* * *

Há nos conselhos do nosso santo doutor uma suprema consolação para as almas que seriamente desejam agradar sem reserva a Deus e se dedicam ao seu serviço por intimas comunicações. Julgam-se elas mais indesculpáveis que as outras nas infidelidades que involuntariamente cometem e parelhes que as suas quedas deverão causar-lhes maior admiração. E, todavia, não é assim que o entendem os mestres da vida espiritual. Frequentemente — nota o P. Grou — as nossas quedas resultam da rapidez da carreira: o ardor que nos impele não nos dá tempo de tomarmos certas precauções. As almas tímidas e precavidas, sempre desejosas de saber onde põem os pés, sempre a dar voltas para evitar um passo em falso, constantemente receosas de se mancharem, não avançam tão depressa quanto as outras, e surpreendidas quase sempre a morte no meio da sua carreira. Não são mais santos os que cometem menos faltas, mas sim os que têm mais coragem, mais generosidade, mais amor e fazem maiores esforços sobre si mesmos, não receando escorregar, cair até e se manchar um pouco, contanto que avancem”.

S. João Crisóstomo dizia a mesma coisa por outros termos: “Se um soldado fica na refrega, deixa-se ferir e abater um pouco às vezes, não há quem, tão

duro ou tão ignorante das coisas da guerra, disso lhe faça um grande crime. Só não são feridos os que nunca se lançam nos combates. Os que mais ardidos se atiram contra o inimigo são os que mais recebem os golpes do embate”.

7. *Quedas graves* — Dever-se-ao aplicar até mesmo ao pecado mortal as reflexões deste capítulo e recomendar as almas gravemente culpadas que não se admirem das quedas que as privam da amizade de Deus? Ousará S. Francisco de Sales ter para elas a mesma linguagem como para com os corações generosos, aos quais se dirigia até agora?

Escutemos: “Meu caro Teótimo, pasmam os céus, tremem de pavor as suas portas e os anjos da paz ficam tomados de espanto em face da estupenda miséria do coração humano que, para se prender a coisas tão deploráveis, abandona um bem tão amável. Mas já viste esta pequena maravilha, que todos sabem sem lhe conhecerem a razão? Quando se abre um tonel bem cheio, ele não deixará sair o vinho, se por cima se lhe não deixar entrar o ar.

Certamente, nesta vida mortal, ainda que as nossas almas abundem em amor do Céu, jamais dele estarão tão cheias que pelas nossas fragilidades esse amor não possa sair; lá em cima, porém, no Céu, quando as suavidades da beleza de Deus ocuparem todo o nosso entendimento e as delicias da sua bondade saciarem toda a nossa vontade, sem nada haver que a plenitude do seu amor não preencha, objeto nenhum, ainda que ele penetre até aos nossos corações, poderá jamais tirar nem fazer sair uma só gota do precioso licor do seu amor celeste, e não será jamais possível pensar em deixar entrar o vento por cima, quer dizer, iludir ou surpreender o entendimento, porque ficará imóvel na apreensão da verdade soberana”.

Fiquemos bem avisados: uma queda em pecado, grave que seja, não poderia provocar espanto senão no Céu, onde não pode haver quedas. Caí na terra, não há motivo para disto alguém se admirar mais do que vendo um liquido sair dum vaso aberto.

8. *Tornar a levantar-se imediatamente.* — Oh, como seríamos indulgentes para com os nossos irmãos, digamo-lo de passagem, se bem meditássemos estes pensamentos! Como nos identificaríamos com a paciência inefável d'Aquele que, antes de investir os seus Apóstolos do poder de reemitir os

pecados, lhes recomendava que perdoassem não sete vezes, mas setenta vezes sete!

Sem dúvida, esta indulgência, com relação às faltas, próprias assim como às alheias, não deve ir ao ponto de as olhar com indiferença. Mas uma coisa é não se admirar delas, outra é não as detestar e reparar. O lavrador não se espanta ao ver as ervas daninhas destruírem a sementeira; mas por isso terá ele menos cuidado de arrancá-las?

Assim também, depois de haver dito em sentido absoluto e sem excetuar os pecados mortais: “quando incorrerdes em alguma falta, não vos admireis”; e “se bem soubéssemos quais somos, em vez de nos admirarmos de nos ver em terra, pasmaríamos ao pensar como podemos permanecer em pé”, objurga-nos S. Francisco de Sales a “que não nos deitemos na terra nem nos retoucemos na lama”, em que caímos; e acrescenta: “Se a violência da tempestade, às vezes nos perturba um pouco o estômago e a cabeça nos traz algumas vertigens, não seja isso motivo de espanto; antes, tão depressa como pudermos, retomemos a respiração e ânimo para proceder melhor”.

“Quando cáíres, levanta-te com uma grande placidez, humilhando-te profundamente diante de Deus e confessando-Lhe a tua miséria, mas sem te admirares da queda que deste. Pois que há de extraordinário em que a enfermidade seja enferma, a fraqueza, fraca, e a miséria, miserável? Detesta, sim, com todas as forças, a afronta feita a divina Majestade e depois, com uma confiança inteira e animosa em sua Misericórdia, volta ao caminho da virtude, que havias abandonado”.

Este último texto deixa ver bem quais as disposições, supremamente salutares, que, em lugar do espanto, devemos excitar em nós após as quedas: conhecer a nossa abjeção que é o primeiro grau de humildade. Dela falaremos na segunda parte desta obra. Por agora, tendo estabelecido que a consciência das faltas próprias não deve causar-nos admiração, demonstraremos que muito menos ainda nos deverá perturbar.

Capítulo II - Não nos perturbemos à vista dos nossos defeitos

1. *Dois sinais da boa e da má tristeza.* — “A tristeza que é segundo Deus produz para a salvação uma penitência estável, porém a tristeza do século produz a morte” (2 Cor 7,10). A tristeza pode, pois, ser boa ou má, conforme os diversos efeitos que em nós produz; mas, em geral, ela produz antes maus do que bons efeitos, porque os bons são só dois: a misericórdia e a penitência, enquanto são seis os maus: medo, preguiça, indignação, ciúme, inveja e impaciência; o que fez dizer ao sábio: “A tristeza mata a muitos e a ninguém aproveita”; e a razão é porque, para dois regatos de boas águas, que derivam da fonte da tristeza, há seis que carregam péssimas águas.

Faz o demônio seus esforços por engendrar a tristeza má e, a fim de desanimar e desesperar a alma, começa por perturbá-la. Não lhe custa muito sugerir pretextos para isto.

— Ofender a Majestade divina, ultrajar a beleza infinita e ferir o coração dos mais terno dos pais, tudo isto não é bastante para afligir a alma?

— De certo que é, responde S. Francisco de Sales. Devemos entristecer-nos, mas com um verdadeiro arrependimento, e não com uma dor aflitiva, cheia de despeito e de indignação; o verdadeiro arrependimento é sempre calmo, como todo sentimento que do bom espírito procede: “*Non in commotione Dominus*” (3 Rs 19, 11). No ponto onde principia a inquietação e a perturbação, vem a tristeza má ocupar o lugar da tristeza boa.

A má tristeza, insiste o nosso Santo, perturba a alma, incute-lhe receios desregrados, desgosta-a da oração, adormece e fatiga o espírito, impede-a de tirar proveito dos bons conselhos, de tomar resoluções, de formar juízo e ter coragem e abate as forças. Numa palavra: é como um inverno áspero que enregela toda a formosura da terra e entorpece todos os animais; porque priva a alma de toda a suavidade, atrofia-lhe a atividade e a torna como tolhida e inibida em todas as suas faculdades.

2. *Sinais duma alma que se perturba após suas quedas.* — À vista destes sintomas, quantas almas hão de reconhecer a perturbação de que se deixaram apoderar após as suas faltas e a ruína que ela lhes causou! Começara-se com fervor e seguia-se resolutamente o rasto do Mestre, no caminho do dever, nas rudes escarpas do Calvário. Mas sobrevêm uma queda, e com ela eis a perturbação! Ergue-se a alma, no entanto, sob o amparo do arrependimento e da absolvição sacramental, que tudo vem reparar.

E, todavia, por culpa nossa, não sossegamos. Olham-se, examinam-se ansiosamente, contam-se as feridas mal cicatrizadas ainda, sondam-se com receio, envenenam-se por querer pensá-las com despeito e impaciência, “porque não há coisa que mais sirva para manter os nossos defeitos do que o desassossego e a precipitação em querer expurgá-los”.

E enquanto isso sucede, vai o passo afrouxando. Já não se corre; anda-se a custo; arrasta-se, descontente de si e quase que de Deus também, sem confiança na oração, e para a recepção dos sacramentos não se leva outra disposição que não seja o receio, até que afinal uma circunstância especial, uma confissão excepcionalmente bem cuidada ou um retiro vem restituir a alma, por um momento, aquele entusiasmo e fervor que tivera a principio.

Decorrido, porém, algum tempo, depois desta renovação, se a alma continua ainda sob a mesma impressão, continua a sentir sobre si o peso de uma redobrada melancolia, que novas quedas ou somente a lembrança das faltas passadas lhe hão de trazer; de novo, à rapidez com que se corria, sucederá um passo mais lento, e não queira Deus que, à força de hesitações e delongas, ela termine por cair num entorpecimento quase irreparável.

Pobres almas, quem veio travar assim os vossos esforços? Corríeis tanto! Quem vos fez parar? Pergunta-vos o Apóstolo (Gál 5, 7). — A perturbação, responde o autor da Filoteia: “Se da primeira vez que tropeçastes, em vez de ficardes inquietos, houvésseis plácida e sossegadamente retomado o equilíbrio de vossos corações, não teríeis caído de novo ao dar o segundo passo”.

3. *Paciência recomendada aos que iniciam em imperfeições.* — Por isso é que S. Francisco de Sales multiplicava os seus conselhos, no empenho de

comunicar aos outros “a paz tão desejada, o hóspede mais querido, fiel e perpétuo do seu coração”, e por esta razão recomendava instantemente a serenidade e a paciência para com nós mesmos.

Não nos perturbemos à vista das nossas imperfeições!... Livrai-vos de precipitações e desassossegos; que não há nada que mais nos estorve o passo no caminho da perfeição.

“Que fazem as aves e os outros animais, caídos nos laços traiçoeiros? Debatem-se desordenadamente no esforço de se libertarem, e só conseguem é embaraçar-se cada vez mais...

Não é perdendo a serenidade do espírito que conseguiremos sair dos laços que nos armam algumas imperfeições; ao contrário, mais nos envencilharemos neles”.

"É preciso sofrer com paciência a lentidão com que nos aperfeiçoamos, e não deixar de fazer quanto pudermos para progredir e sempre com boa vontade... Aguardemos, pois, com paciência, o nosso adiantamento, e, em vez de nos inquietarmos por haver feito tão pouco no passado, diligenciemos fazer mais para o futuro”.

Não nos aflijamos por sempre nos vermos noviços no exercício das virtudes, porque no Mosteiro da Vida Devota cada um se presume sempre noviço, e emprega toda a vida em dar provas de sua humildade; o sinal mais evidente de ser, não somente um mau noviço, mas até de merecer ser expulso e reprovado, é julgar-se e ter-se a si mesmo como professo. Pois, conforme a regra desta Ordem, não é a solenidade, mas o cumprimento dos votos que dos noviços faz professos, e os votos não se julgam cumpridos enquanto houver alguma coisa a fazer para a observância deles. A obrigação de servir a Deus e fazer progressos no seu amor dura sempre e só termina com a morte.

— Bem, me dirá alguém; mas, se eu conheço que é por minha culpa que não avanço no caminho da virtude, como é possível que me não aflija e inquiete?

— Já o disse na “Introdução à Vida Devota”; mas repito-o de bom grado, porque nunca está dito demais: “Entristecer-se com um arrependimento

sereno, constante e tranquilo pelos erros cometidos é justo e como deve ser; mas com um arrependimento turbulento, perturbador e desanimador, nunca”.

4. *Calma por ocasião das quedas.* — Vê-se das citações precedentes, e há de ver-se melhor ainda das que se seguem, que o Santo doutor não recomenda a serenidade e paciência consigo mesmo somente às almas justas e inocentes, mas até e sobretudo às que tiverem a infelicidade de cair em faltas.

“Se vos suceder alguma vez perder a paciência, não vos perturbeis, mas procurai tranquilizar-vos logo com todo o cuidado e serenidade. Refletis demais sobre os ímpetos do vosso amor-próprio, ímpetos sem dúvida frequentes, mas nunca serão perigosos, contanto que, sem vos enfadar pela sua importunidade e sem vos admirar daí sua frequência, digais tranquilamente: Não!

Caminhai com simplicidade, não ambicioneis tanto o repouso do espírito, e tê-lo-ei com certeza”

“Tende paciência com todos, mas sobretudo convosco, quero dizer, não vos perturbeis por causa das vossas imperfeições e tende sempre coragem para vos emendar delas. Estimo muito que todos os dias recomeceis porque não há melhor meio de acabar bem a vida espiritual do que sempre recomeçando e não pensando nunca ter já feito muito”.

5. *Suportar os próprios defeitos com uma aflição tranquila e corajosa.* — “Não vos aflijais nem admireis de sentir ainda vivas em vossas almas as imperfeições que me contastes; porque, se bem que seja necessário combatê-las e detestá-las para lograr emendar-vos, não é mister que vos aflijais assim tão desgostosamente, mas sim que tenhais uma aflição corajosa e tranquila, que vos inspire um propósito firme e seguro de emenda”.

“É urgente fugir do mal? Pois fujamos, mas placidamente, sem perturbações; porque, se assim não for, pode acontecer que, fugindo dele, vamos nele cair e dar ensejo no inimigo de nos tirar a vida... Até na penitência há de haver placidez e serenidade. Eis que, dizia este penitente, a minha amaríssima amargura está em paz” (Is 38, 17).

"Só o pecado deve desgostar e afligir; e no extremo deste desgosto deve ainda despontar uma santa alegria e consolação".

"Quem só vive em Deus não se entristece nunca, senão por ter ofendido a Deus; e a sua tristeza resume-se numa profunda, mas tranquila e plácida humildade e submissão, após a qual se levanta na bondade de Deus, por uma doce e perfeita confiança, sem pesar nem despeito".¹

"Em uma palavra: não vos aborreçais, ou, pelo menos, não vos deixeis apoderar da perturbação que vos tem dominado, nem vos deixeis abalar com aquilo mesmo que vos tem abalado, nem vos deixeis dominar da inquietação que vos tem inquietado por essas paixões perturbadoras. Retomai posse do vosso coração, e colocai-a placidamente nas mãos de Nosso Senhor... Dominai e refreai o vosso coração, quanto puderdes, até ficardes tranquilos com vós mesmos... ainda que bem dignos de compaixão..."

"É necessário ter paciência consigo mesmo e afagar o coração, animando-o, e, quando estiver muito irritado, é preciso segurá-lo como a um cavalo enfreado e fazê-lo entrar firmemente em si mesmo, sem o deixar correr após os sentimentos".

"Tende todo o cuidado em não vos perturbardes quando cometerdes alguma falta; porém humilhai-vos, desde logo, na presença de Deus, e isto com uma humildade amorosa e doce, que vos conduza à confiança de recorrer imediatamente à sua bondade e dar-vos a segurança de que vos há de amparar no empenho da vossa emenda... Quando vos suceder cair em algum pecado, seja qual for, pedi placidamente perdão a Nosso Senhor, dizendo-lhe que estais bem certos de que Ele vos ama muito e vos perdoará. E isto fazei-o sempre com simplicidade e placidez".

6. *Efeito da falsa humildade.* — Para com mais eficácia combater esta perturbação tão funesta, S. Francisco de Sales tinha o cuidado de desvendar a causa ordinária, para não dizer única, deste estado moral: o amor-próprio, o amor com que cada um se busca a si mesmo. Já o havia dito S. Teresa: "Quando há verdadeira humildade, pode a causa reconhecer-se má e daí nascer o pesar; mas este pesar não é acompanhado de perturbação nem inquietação; é um pesar que não produz obscurecimento no espírito nem

aridez; ao contrário, consola-o. Aflige-se a alma por haver ofendido a Deus, e, por outro lado, dilata-se na esperança da sua misericórdia. Tem luz para confundir-se, e para louvar a Deus, que tanto a tem suportado.

Não é assim a falsa humildade, inspirada pelo demônio: esta não tem luz para bem algum. Parece que Deus põe tudo a fogo e a sangue. É uma das mais funestas invenções do demônio, e das mais sutis e dissimuladas”.

Não é outra a razão por que a perturbação do pecado é um mal tão comum. “Humilhar-se nas suas misérias — disse um bom sacerdote — é uma coisa boa que poucas pessoas compreendem; inquietar-se e indignar-se é coisa que toda gente conhece e que é má, porque o amor-próprio tem sempre a maior parte nesta espécie de inquietação e despeito”.

É bem fina a observação que Frederico Ozanam fez a este respeito: “Há duas espécies de orgulho: um que vive contente de si, e é o mais comum e menos perigoso; outro que anda descontente de si porque espera muito de si mesmo e se vê enganado nas suas esperanças. Esta segunda espécie é muito mais refinada e perigosa”.

7. Desassossego e perturbação, consequências do amor-próprio. — É ao amor-próprio, disfarçado sob a máscara da humildade, que o nosso bom Santo ataca em todos os seus ardis. Aquela excessiva ansiedade da alma, mais inquieta por saber que está curada do que em se curar; aqueles secretos despeitos em não querer fazer a paz com a sua consciência, achando mais cômodo abandoná-la como incorrigível; aquelas melancolias em que se imerge, a constante e exclusiva contemplação das faltas próprias e de si mesma, a necessidade que tem de gemer e lastimar-se mais diante dos homens do que diante de Deus, com um imperceptível desejo de ser lastimada e acariciada: em todo este queixoso pesar o sábio doutor põe o dedo e, mostra que “todo ele é obra de um certo pai espiritual que se chama amor-próprio”.

“Um modo de fazer um bom uso da mansidão é aplicá-la a nós mesmos, não nos irritando contra nós e nossas imperfeições; o motivo, pois, que nos leva a sentir um verdadeiro arrependimento de nossas faltas, não exige que tenhamos uma dor repassada de aborrecimento e indignação. É quanto a esse ponto que erram muitos continuamente, agastando-se por estarem

agastados e amofinando-se por estarem amofinados, porque assim conservam aceso no coração o fogo da cólera e, bem longe de abrandar deste modo a paixão, estão sempre prestes a exasperar-se à primeira ocasião que se oferecer.

Demais, estas iras, despeitos e exasperações contra nós mesmos, conduzem ao orgulho e outra origem não têm senão o amor-próprio que, por nós sermos tão imperfeitos, se perturba e inquieta”.

8. Estima exagerada de nós próprios. — “Não nos embaracemos com a tristeza e o desassossego. Tais perturbações é o amor-próprio que as produz, inculcando-nos o pesar de não sermos perfeitos, e mais pelo amor de nós mesmos do que de Deus... Gostamos muito de chorar os nossos defeitos: tanto isto nos consola o amor-próprio!”

“Parece-nos que tudo está perdido quando algumas contrariedades se nos defrontam, até quando descobrimos apenas um leve traço de falta de mortificação, ou cometemos algum pecadilho insignificante”.

O nosso primeiro mal é a estima de nós mesmos. Dai vem ficarmos surpreendidos, perturbados e impacientes quando nos acontece pecar ou cair em alguma imperfeição, visto pensarmos que somos alguma coisa boa, firme e sólida; todavia, ao ver que nada somos e darmos com o nariz em terra, perturbamo-nos, ficamos tristes e descontentes por verificarmos que nos enganamos”.

9. Corrigir-se com calma e mansidão. — Tal o procedimento que S. Francisco de Sales opõe às agitações e ansiedades estereis engendradas pelo amor-próprio. Parece tomar o partido do coração que perdeu força, tanta comiseração tem para com ele; em vez de o tornar mais brusco e perturbado, eis como ele quer que seja tratado:

“Não atormenteis o vosso coração, nem mesmo quando ele se tiver desviado; tomai-o com toda a cautela e reconduzi-o ao seu caminho! Logo desde a manha dispõe a vossa alma para andar tranquila, e tende o cuidado de, no correr do dia, a chamar muitas vezes e colocá-la em vossas mãos. Se vos suceder algum caso triste não vos espanteis; humilhai-vos tranquilamente na presença de Deus e procurai por o vosso espírito em atitude de quem está tranquilo e quieto. Dizei à vossa alma: Eia, demos um

passo em falso; vamos agora devagarinho e tenhamos cautela conosco! Fazei isto todas vezes que cairdes”.

Deixemos penetrar a nossa alma sempre numa absoluta confiança em Deus e numa inteira desconfiança de nós mesmos, em todo o trabalho da perfeição.

E, antes de tudo, na vida espiritual, ajamos mais por amor do que por temor.

O amor dilata o coração, exalta as suas energias; o temor o comprime e aperta.

O amor engendra a confiança e a paz; o temor entretém o desassossego e a agitação.

Se olharmos para nós mesmos e para a nossa fraqueza, temor e desalento invadirão o nosso coração; se, porém, nos voltarmos para Jesus, que é bom e poderoso, penetrar-nos-á amor e confiança.

Deixemo-nos, pois, atrair por Jesus e não permitamos ao temor e à desconfiança perturbarem o nosso coração. Repilamos, neste mesmo instante, todo pensamento depressor, todo sentimento de tristeza ou de desânimo, pois são o fruto da confiança em nós mesmos.

Na nossa aspiração à perfeição, procedamos com mansidão e calma, e não com violência.

A violência é uma força destrutiva; ela elimina, quebra, despedaça, destrói, mas não repara e não edifica.

A violência é uma força transitória, e não atinge senão a superfície das coisas.

A mansidão, pelo contrário, é durável, penetra até ao centro da nossa alma, até à região onde nascem os afetos, as emoções e as resoluções.

A mansidão é como um óleo que cura e fortifica. É, por excelência, o antídoto aos males do coração humano. O homem se revolta contra a violência e se deixa ganhar pela bondade.

Tenhamos uma vontade sempre enérgica, mas nunca precipitada; um espírito sempre presente e precavido, mas nunca preocupado; um coração sempre forte e valente, mas nunca agitado...

Apliquemos estes princípios às nossas relações com o próximo; mas apliquemo-los sobretudo ao nosso próprio coração. Não nos agastemos e irrite-mos nunca contra nós mesmos depois de termos dado uns passos em falso. Humilhemo-nos, sim, diante de Nosso Senhor, pedindo-lhe perdão confiantemente e tornemos a levantar com redobrada coragem: Jesus está conosco e nos ajudará...

Lembremo-nos ainda de que o único desejo do nosso Salvador, sua única preocupação de Redentor é perdoar as nossas faltas e conduzir-nos à santidade, à qual aspiramos por seu amor... 2

10. Exemplos de correção branda e persuasiva. — O arrependimento de nossas faltas deve ter duas qualidades: a tranquilidade e a firmeza. Não é verdade que a sentença de um juiz contra um criminoso, pronunciada com brandura e espírito tranquilo, é mais conforme à justiça do que aquelas que são influídas pela paixão e por um espírito impetuoso, determinando o castigo não tanto pela qualidade do crime como pela atual disposição de quem o impõe? Digo também que mais eficazmente nos punimos de nossas faltas por uma dor calma e constante do que por arrependimentos exagerados, repentinos, cheios de amofinações e indignação, porque nesta excitação nos julgamos segundo a nossa inclinação e não conforme a natureza do erro cometido...

Creia-me, a admoestação de um pai ao seu filho, feita com doçura, há de corrigi-lo mais facilmente do que um castigo severo, infligido num estado de excitação. De modo semelhante, se o nosso coração cometer alguma falta e nós o reprendermos com brandura e tranquilidade, mais por compaixão para com ele do que por paixão contra ele, exortando-o a proceder melhor, este modo de agir o tocará e encherá mais de coragem para a emenda e arrependimento do que as repreensões ásperas que a indignação apaixonada lhe poderia fazer. Eu, por mim, se me propusesse, p. ex., evitar todo pecado de vaidade, e não obstante caísse, mesmo gravemente, não havia de repreender o meu coração deste modo: Tu és verdadeiramente um miserável, um abominável, porque te deixas seduzir

pela vaidade depois de tantas resoluções! Que vergonha! Não levantes mais os olhos ao Céu, cego, imprudente e infiel ao teu Deus!... E coisas semelhantes. Quisera, sim, corrigi-lo com modos razoáveis e compassivos: Pois bem, meu pobre coração, eis-nos de novo caídos na cilada que tínhamos resolvido evitar! Ah! Levantemo-nos de novo e livremo-nos dela para sempre; imploremos a misericórdia de Deus; esperemos que Ele nos sustenha para o futuro e reentremos nos caminhos da humildade! Coragem! Deus nos há de ajudar e ainda faremos alguma coisa de bom...

Sobre a suavidade desta branda correção queria eu fundar solidamente a resolução de não mais reincidir no mesmo pecado, procurando os meios conducentes a este fim e principalmente o conselho do meu diretor.

Se, entretanto, o coração não for bastante sensível estas repreensões, convém empregar meios mais enérgicos, uma repreensão mais forte e áspera para enchê-lo duma profunda confusão de si mesmo, contanto que, depois de tratá-lo com esta severidade, se procure consolá-lo com uma santa e suave confiança em Deus, à imitação desse grande penitente que, vendo a sua alma aflita, a alentava, dizendo: Por que estás tu triste, minha alma? E por que me perturbas? Espera em Deus, porque ainda hei de louvá-lo: salvação de meu rosto e Deus meu! (Sl 42).

11. A perturbação dificulta a renúncia ao pecado. É supérfluo observar que em todos estes avisos tão cheios de caridade e tão seguros não há uma só palavra que tranquilize e faça adormecer a alma no pecado. E como adormecer com uma serpente no seio?! Como, sobretudo se há culpa grave, não temer ao pensamento da morte, que de instante a instante pode eternizar remorsos e penas? Como não desvincilhar-se com toda pressa dum inimigo cujos abraços podem, a cada momento, arrastar-nos para o abismo duma desgraça sem fim? E, ainda mesmo que as faltas não sejam graves, como guardar na alma máculas tão desagradáveis a Deus, e conservar um fardo que vai pouco a pouco arrastando, por um declive fatal, ao pecado mortal?

É precisamente para facilitar a renúncia ao pecado que o amável doutor recomenda que nos não perturbemos. Bem sabe ele que a agitação e o despeito não fazem nada de bom. Sabe, como hábil médico, que, para uma amputação difícil, é mister acalmar o doente em vez de o exacerbar, e que o êxito da operação será tanto mais pronto e seguro, quanto mais

pausadamente ela for feita. Eis por que ele quer, antes de tudo, restabelecer o sossego da alma.

12. Exemplo de S. Francisco de Sales. — O que aconselhava aos outros, ele mesmo o praticava por ocasião das ligeiras imperfeições em que involuntariamente incorria; e o melhor fecho que podemos pôr a este capítulo será a citação dum dos seus biógrafos contemporâneos:

“Um dia, em que tive a felicidade de conferenciar com ele sobre coisas espirituais, cai em dizer-lhe que os peccados veniais, ainda que pequenos, causavam não sei que perturbação e desassossego ao coração; e mal tinha soltado esta sentença, me replicou ele: Perdão, os peccados veniais não devem perturbar-nos nem inquietar-nos: devem, sim, causar-nos muito desprazer. A falta de tranquilidade é obra do amor-próprio, que se incomoda com o trabalho que a prática da virtude impõe e com a obrigação de renunciar a alguma coisa; ao passo que o pesar é efeito da graça que no-la inspira por termos desagradado ao nosso Criador”.

Eis como ele pensava no que respeita à dor que devemos ter das nossas faltas cotidianas, e também como a procedia em semelhantes ocasiões, pedindo perdão ao doce Redentor das suas faltas, sem todavia se exasperar nem de modo algum aborrecer-se.

Anteu, lutando com Hércules, segundo nos descrevem os sábios da Grécia em suas poesias, não caia por terra sem que logo tornasse a erguer-se com forças novas e mais vigoroso que antes. Assim este homem magnânimo, que continuamente estava em luta com as paixões, se acaso alguma vez dava um passo em falso, erguia-se corajosamente e continuava a sua empresa placidamente, tranquilamente, sem se aborrecer, nem de modo algum desgostar-se”.

Capítulo III - Não desanimemos por causa dos nossos peccados

1. Um piedoso eclesiástico estava a fazer o seu retiro sob a direção do Padre Rothan. No meio dos santos exercícios, o ilustre jesuíta foi subitamente chamado a Roma, onde, logo depois, devia ser eleito Geral da sua

Companhia. Tinha-se já despedido dos seus irmãos e posto a caminho quando, retrocedendo dum golpe, entra no quarto daquele exercitante, e diz-lhe: “Senhor padre, ia-me esquecendo duma recomendação de suma importância: suceda-vos o que sempre suceder, não desanimeis nunca!”

Palavra de ouro! A quantas almas seria necessário dizê-la e torná-la a dizer! S. João Crisóstomo não se cansava de repetir: “Não desesperéis! Dir-vo-lo-ei em todos os meus discursos, em cada uma das nossas entrevistas, e, se me escutardes, ficareis curados!... Tem a nossa salvação dois inimigos mortais: a presunção na inocência e a desesperação depois da queda; mas este último é o mais terrível”.

Com efeito, “é pela esperança que nós somos salvos” (Rom 8, 24). À semelhança duma forte cadeia que desce do Céu e prende as almas, assim é a esperança. Quando as almas se prendem firmemente a ela, atraí-as pouco a pouco a sublimes alturas e as subtrai aos vendavais da vida presente. Mas a alma que, vencida pelo desânimo, larga esta âncora santa, cai logo e perece, submergida no abismo do mal.

"Não o ignora o pérfido adversário das almas. Desde que nos vê alquebrados sob o peso do sentimento das nossas culpas, precipita-se sobre nós e arremessa aos nossos corações pensamentos desesperadores, mais pesados ainda que o chumbo, e, se os acolhemos, arrasta-nos o seu peso, foge-nos a cadeia tutelar e rolamos ao fundo do abismo”.

2. Dupla tática do demônio. — Ai! quanto a experiência confirma a verdade destas últimas palavras! Vem do desânimo a imensa maioria das quedas não reparadas, que deram escândalo na Igreja, e a maior parte daquelas que só os anjos da paz conhecem e pranteiam. Se, em vez de desespero, tivesse havido um arrependimento esperançoso, nada estaria perdido. Insinuando-se na alma perturbada por uma queda, que muitas vezes foi apenas uma surpresa, este demônio do desespero, à custa de mil argumentos, cada qual mais desanimador, acaba por lançar na alma o pensamento esmagador de Caim: “É grande demais a minha iniquidade para que eu possa merecer perdão!” (Gn 4, 13).

Desde esse momento, no dizer de S. Paulo, assenhora-se desta alma o príncipe das trevas; dirige-a, impele-a, precipita-a onde bem quer:

“*Operatur in filios diffidentiae*” (Ef 2, 2). E a razão é porque lhe comunica duas das mais diabólicas disposições: a aversão a Deus pelo pecado e o receio de Deus pelo desânimo. E Deus nos livre de crer que esta tentação só vem depois de faltas graves. Dela faz o espírito da mentira uma arma tanto mais terrível quanto mais habilmente dissimulada, para combater as almas virtuosas após as mais ligeiras quedas; e se não logra arrastá-las ao abismo dum desespero completo, paralisa-as pelo menos no caminho do bem, desconcerta-as, distende-lhes os seus mais fortes laços, e fá-las em breve decair do seu fervor para as mergulhar na melancolia e no relaxamento. Vem tudo à carga; já não se cuida mais em reparar as faltas, e daí nasce uma verdadeira tibieza, com seus estragos quase irreparáveis.

As nossas faltas, sobretudo as de todos os dias, fornecem a Satanás um meio fácil de conseguir tal resultado, e, se é na guerra contra a esperança que o espírito infernal mais lida por transformar-se em anjo da luz (2 Cor 11, 14), fácil lhe é representar este papel, contrapondo as nossas infidelidades sem-número às incessantes solicitações da graça, as nossas ingratidões aos benefícios de Deus, as nossas defecções às resoluções tomadas.

— Não é de justiça, exclama a alma no extremo do seu desânimo, que Deus esteja cansado e se tenha esgotado a fonte das graças de que não fiz senão abusar?! Deus abandona-me; tem todo o direito e razão. É tempo de renunciar a uma empresa que as minhas repetidas quedas patentearam ser superior às minhas forças. Tive demasiada presunção a respeito da bondade de Deus e do que eu podia fazer. De que serve consumir-me em estéreis esforços para prosseguir todos os dias, sem nunca atingir o fim, na conquista duma santidade a que não posso chegar?

A experiência está feita. Levou-me ela à evidência do que para as minhas forças são demasiado altas estas sumidades. Para que estarei sempre a formar novas resoluções: *quamdiu ponam consilia in anima mea*, para afinal ter a dor de faltar a elas no decorrer do dia: *dolorem in corde meo per diem*, e encher de alegria o inimigo por muitas quedas: *usquequo exaltabitur inimicus meus super me?* (Sl 12,2-3).

Não é tanto pelas tuas faltas, ó alma desalentada, que teu inimigo exulta de prazer, mas sim por causa do abatimento em que te deixas cair depois e da

desconfiança que elas te inspiram para com a misericórdia divina.

“Eis o maior mal que a uma criatura pode suceder, diz o ven. Padre Cláudio de la Colombieàre. Quando se pode evitar este mal, nenhum há que não possa converter-se em bem e ter facilmente grandes vantagens...

Nada vale o mal que fazeis, em comparação do mal que vos causa a desconfiança. Confiai, pois, até ao fim, ordeno-vos com todo o poder que me delegastes sobre vós. Se me obedecerdes neste ponto, eu respondo pela vossa conversão”.

3. O doutor animador por excelência. — Se ocasião houve em que estes conselhos foram oportunos, é de certo em nossos dias. O desânimo, este mal que paralisa tantos caracteres nobres e intenções retas nas esferas políticas e sociais, causa ainda maiores danos nas almas, até mesmo nas que sentem mais vivo desejo de agradar a Nosso Senhor.

“Felizmente, a sabedoria divina, diz S. Agostinho, possui o segredo de proporcionar aos homens, consoante as circunstâncias em que se acham, os remédios adequados às suas necessidades”. Na hora mais desalentada dum dos séculos de maior abatimento, no momento em que no século XVII iam despontar as desesperadoras doutrinas de Jansênio, a Providência suscita à vida, inspira a falar e a escrever e faz coroar doutor da Igreja universal a S. Francisco de Sales, o doutor animador por excelência. E com efeito, tudo eleva e reanima nos escritos do amável santo; e, assim como S. Bernardo desafiava os seus ouvintes a que lhe apontassem algum traço de menor doçura na fisionomia evangélica e tradicional da Mãe de Deus, assim podem desafiar-se os leitores de S. Francisco de Sales a que descubram, se são capazes, alguma coisa nele que possa permitir ao maior pecador um só instante de desalento.

Ora, diz o eminente Pe. Faber, “a mais doce de todas as doutrinas, que S. Francisco de Sales por inspiração divina nos ensinou, é exatamente a que tem por objeto determinar o ponto de vista em que nos devemos colocar para julgar com retidão as nossas faltas”.

Em primeiro lugar, S. Francisco de Sales proíbe absolutamente que se perca a coragem após a queda, seja ela qual for. “Por Deus! Antes morrer que ofender a Nosso Senhor ciente e deliberadamente! Quando, porém,

tivermos a desgraça de cair, antes perder tudo mais do que a coragem, a esperança e o firme propósito de emenda”. “Se vos suceder cair em alguma falta, humilhai-vos e recomeçai, exatamente como se não tivésseis caído”. “Não é um grande mal a fraqueza, se uma coragem firme e sincera a vai reparando pouco a pouco, como eu vo-lo suplico”.

“É certo que não nos devem agradar as nossas imperfeições; digamos com o Apóstolo: “Ai de mim, miserável! Quem me livrará do corpo desta morte”; mas nem tão pouco nos deverão assombrar ou desanimar. Aproveitemo-nos delas para crescer em submissão, humildade e desconfiança de nós mesmos, e não resultem nunca em desalento ou aflição da alma, muito menos ainda em desconfiança do amor de Deus para conosco. Deus não ama, é verdade, as nossas imperfeições ou pecados veniais, mas ama-nos a despeito delas. Assim como a mãe não agrada a fraqueza e enfermidade do filho, todavia não o deixa de amar por isso, porém ama-o terna e compassivamente. Da mesma sorte, embora Deus não ame as nossas imperfeições e pecados, não deixa de nos amar ternamente; o que fez dizer David a Nosso Senhor: “Compadecei-vos de mim, Senhor, porque sou enfermo!”

É preciso armar-nos de uma coragem invencível para não nos cansarmos na luta contra nós mesmos, pois nunca havemos de deixar de ter alguma coisa a fazer e emendar... Não vedes todos os dias como as pessoas, que aprendem esgrima, caem tantas vezes? Sucede outro tanto com os que se dedicam à aprendizagem da arte hípica; caem a cada passo, e todavia não se dão por vencidos, pois uma coisa é ser uma vez subjugado, outra ser absolutamente vencido”.

É boa a desconfiança que tendes das vossas forças, contanto que ela sirva de fundamento à confiança que deveis ter em Deus; se ela, porém, conduz ao desânimo, ao desassossego, à tristeza e à melancolia, então peço-vos encarecidamente que a repulseis como a tentação das tentações, e nunca concedais ao vosso espírito que dispute e replique em defesa da inquietação ou abatimento do coração, para o qual vos sentirdes inclinados..., ainda que seja sob o especioso pretexto da humildade.

* * *

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A arte de aproveitar-se das próprias f..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).